VIII Simpósio Nacional de História Cultural

MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA CULTURAL

Universidade Federal do Tocantins – UFT

Araguaína – TO

14 a 18 de Novembro de 2016

PATRIMÔNIO E PERFORMANCE CULTURAL: CRIAÇÃO E RECRIAÇÃO DE SENTIDOS

Eloísa Pereira Barroso*

Concebido Por Milton Santos como "o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações de sua existência" (2006. 2.ed. P.13), o território nos permite pensar o espaço como o lugar por excelência de práticas sociais.

Estudar o território é para o pesquisador um objeto de discursos variados, na medida em que pode revelar saberes diversos ou modalidades sensíveis de leitura do mundo social. Nesse sentido, o território permite ao historiador infinitas possibilidades, haja vista existirem diferentes formas de apropriação do espaço pelos grupos sociais, enfim há diferentes territorialidades. Essas territorialidades ocorrem de acordo com interesses ou experiências que são assumidas sob o manto das mais variadas representações.

Portanto a apropriação do espaço é carregada de subjetividade, subjetividade essa em que valores e visão de mundo se constituem como formas de territorialização desse espaço. As representações instauradas no território se associam a variados aspectos

* Professora do Departamento de História da Universidade de Brasília, credenciada ao programa de Pós Graduação em História/PPGHIS- UnB e ao Mestrado Profissional do Centro de Excelência em Turismo/CET- UnB. Membro da Diretoria da ANPUH/DF.

constitutivos das sensibilidades postas pelos diferentes atores sociais, pois estas representações são o que os permitem enxergar o território. São as representações, conforme Sandra Pesavento, que possibilitam aos sujeitos dar sentido ao mundo, pois elas se constituem em "matrizes geradoras de condutas e prática sociais dotadas de força integradora e coesiva" (2003:39). As representações pressupõe uma ausência que é presentificada em uma perspectiva de aproximação e distanciamento em que os homens elaboram ideias sobre o real traduzidas em discursos, símbolos, imagens, rituais, enfim práticas sociais.

As representações são construídas a partir das vivências e experiências que não se deslocam do universo vivido pelo sujeito, ou seja, as representações tornam presente aquilo que está ausente. Desta feita as representações se tornam formas de atribuir sentido ao espaço, enfim são possibilidades de construção de territórios na medida em que imprimem significados aos espaços.

Os significados se sedimentam em um determinado espaço, nele se verifica uma íntima relação entre o indivíduo que habita o espaço e o espaço que passa a habitar o indivíduo a partir das interações sociais e culturais ali constituídas. O espaço surge como um lugar possível de construção de laços sociais, de memória cultural o que estabelece laços de identidade nas práticas de vida comunitária no sentido de tornar visível, de valorizar e reconhecer a pluralidade cultural dos grupos sociais.

Os processos de produção de cultura, as performances, os saberes e modos de transmiti-los constituem diferentes expressões e tradições das culturas populares, são lugares privilegiados dinâmicos em que se configuram uma variedade infindável de formas e significados. Portanto quando se fala de patrimônio cultural o foco deixa de ser o produto social. É preciso que se tenha em mente a garantia dos processos de produção, ou seja, são necessárias as condições para se performar, no presente. Pois a performance, uma ação fugaz, porém autêntica, se concretiza enquanto ato de criação e recriação na produção de sentidos das práticas sociais.

A Performance permite maior amplitude de possibilidades de criação, nela sujeito e objeto se complementam de tal maneira que ultrapassam as velhas dicotomias sujeito-objeto, tema e interpretação. Nessa perspectiva a interpretação se torna o próprio tema. Tornar o património "performativo" quer dizer em última análise fazer a junção do espaço e de um tempo, onde as práticas sociais se configuram como um processo completo de valorização e manutenção de bens, de valores, coletivos e individuais. Dessa

maneira cria se uma "consciência patrimonial " em que sujeito e objeto se tornam, ao mesmo tempo, parte dos processos de territorialização. Assim se a performance ao ser concebida como uma atividade humana que se passa em um determinado contexto, no qual o sujeito observa e é também observado, e se o patrimônio é tudo aquilo que nos envolve e nos inclui no espectro da construção das práticas sociais impressas de significados, pode se afirmar então que patrimônio cultural e performance são conceitos que se associam na territorialização dos espaços.

Ao analisarmos práticas e lugares de trocas culturais como lócus de transmissão de conhecimentos e de valores é possível olharmos as formas como as comunidades se expressam nas estruturas comportamentais de maneira codificada através de uma linguagem simbólica na qual se inscrevem a memória social e individual. Essas memórias derivam de um senso de compartilhamento de atividades e lembranças que se fazem visíveis no patrimônio cultural.

Assim a apropriação do espaço por práticas sociais condiciona o processo de territorialização. Isso nos leva a entender que o território como espaço apropriado é o lugar dessas práticas, ao mesmo tempo em que se estabelece como um espaço social no qual se criam relações historicamente constituídas, condiciona o desenvolvimento futuro dessas relações. Portanto, falar de território é falar de espaço e tempo, pois são estas duas categorias, segundo Bourdieu (2007), basilares para a construção de experiências, experiências essas que nos permitem elaborar esquemas de percepção, de pensamento e de ação. Portanto as pessoas estão constantemente em íntima relação com os mais diferentes espaços estabelecendo sua forma de existir através de processos de ordenação simbólica, de atribuição de sentidos, enfim de práticas sociais.

As práticas sociais se constituem a partir da atribuição de sentido e valores as ações e aos objetos pelos próprios sujeitos da produção cultural, dessa maneira, os grupos sociais compartilham significados pertinentes a um universo comum. Isso faz com que as práticas sociais se tornem referências culturais capazes de imprimir marcas distintivas por sujeitos distintos (LONDRES, 2009).

O caráter dinâmico das práticas sociais inserido nas práticas coletivas inscritas no cotidiano dos grupos sociais se associa às formas de transmissão dos modos de “distinção”, nos termos de Bourdieu (2007), e das modalidades da herança na construção de referências de lugar e na marcação do tempo e espaço. Assim o lugar se torna o lócus por excelência das experiências vividas e partilhadas por sujeitos. São os sujeitos que, a

partir das suas práticas sociais, territorializam o espaço e forjam uma produção social desse espaço de modo a imprimir uma especificidade ao processo de apropriação desse espaço.

Desta feita, o patrimônio cultural entendido como prática social, através da performance, se configura como forma de apropriação do espaço, na medida em que imprime possibilidade de construção de sentido desse espaço. A produção de sentido, via ato de performar, cria lugares nos quais se colocam práticas materializadas que, somadas as representações, permitem formas de vivenciar o espaço a partir da construção de territorialidades que condicionam a sensibilidade do sujeito. Assim o patrimônio cultural possibilita um movimento em que o processo de territorialização cria um mundo onde circulam práticas sociais, manifestações culturais. Sob essa ótica o patrimônio pode ser reconhecido como construção sócio histórica engendrado culturalmente. Essa percepção do patrimônio permite superar uma visão fragmentada.

Na perspectiva proposta, o patrimônio engloba bens materiais e imateriais que se relacionam historicamente no tempo e no espaço, refere-se a identidade dos povos, as memórias, as subjetividades dos grupos humanos no que tange as suas tradições, aos seus saberes, enfim a sua cultura material e imaterial. As representações sociais são o que dão significado as vivências sociais inseridos no tempo e espaço. Assim, o patrimônio pode ser entendido a partir das representações sociais no processo de atribuição de sentidos ao espaço, haja vista ser a partir da perspectiva coletiva que os fenômenos humanos são conhecidos e explicados, sem ignorar o indivíduo nas suas experiências.

O patrimônio cultural possibilita um movimento no qual se cria um mundo onde circulam práticas sociais, que advém do imaginário calcado nas manifestações culturais.

Nessa perspectiva o imaginário cria o mundo, na medida em que permite ao pensamento conferir sentido a esse mundo. Assim o real, o ser, a racionalidade, se configuram como produtos do imaginário. A instituição imaginária da sociedade estabelece as significações, determina o que tem sentido e o que não tem. A significação que as sociedades dão ao que elas são constrói e evidencia a reflexão que ela faz de si mesma. Pois que, a criação do mundo para o homem se coloca como criação de um mundo de significações imaginárias sociais, é por meio dessas criações que a humanidade outorga sentido ao mundo.

Dessa forma, o patrimônio cultural permite ao território se consubstanciar como o lócus da experiência. Uma experiência que se coloca em forma de história, de tradição, de memória, de identidade, possíveis de serem performadas. É no tempo e no espaço que o território como depositário da experiência guarda acontecimentos, história e memória através de sua capacidade imaginativa ou poiética criada pelo imaginário social.

A memória pode ser concebida como possibilidade de invenção e conquista, na medida em que pode ser usada como um mediador cultural entre os grupos no sentido de construir referenciais em que expressam valores e significados importantes à produção social.

É pela memória coletiva, segundo Maurice Halbwachs (1990) que a identidade é designada, isso ocorre através das relações estabelecidas entre o sujeito e o outro. Para Halbwachs, o passado só sobrevive em fragmentos, portanto a memória concebida como totalidade não é possível. O que há são reconstituições do passado, o que torna a memória um ato criativo. Assim a memória como a presença do passado, se configura como um elemento constitutivo da identidade.

A memória desperta vestígios de vivências e sensibilidades, ela possibilita a constituição de um sentimento de pertença nos que vivenciam o espaço social. A memória permite aos indivíduos produzir identidades diversas com subjetividades que escapam ao enquadramento em sistemas sociais homogeneizante e pré-definidos a priori pelo pesquisador. Enfim a memória é uma possibilidade de se ler o tempo e o espaço como lugar de experiências sujeitos que nos antecederam e com eles estabelecer um diálogo para a compreensão mundo social. A memória faz com que o passado seja um não passado, um tempo que carece ser representado pelo historiador.

Se a memória é concebida como a atividade de lembrar, então a lembrança, na perspectiva benjaminiana, é acessada pelas necessidades do presente. A memória nos ajuda a repensar nossas suposições enraizadas sobre o presente e sobre o passado. As narrativas suscitadas pela memória proporcionam uma releitura crítica do passado histórico, elas são capazes de questionarem as representações dominantes, colocam em cheque os determinismos históricos.

Nessa ordem de pensamento pode-se afirmar estar a memória estreitamente vinculada a ideia de tradição na medida em que ela se reporta sempre à presença do passado. Ao ser alimentada continuamente a memória é ressignificada, ela presentifica o

passado. Assim a memória sobrevive nos ritos e ordenações. Nesse sentido, certas práticas ou modos de perceber o mundo como tradicionais são equivalentes a defesa de conhecimentos, práticas e valores transmitidos de geração em geração, oralmente ou pelo hábito.

Portanto a tradição é o legado que uma geração transmite para outra, o que confere elementos identitários aos grupos, haja vista ser a Identidade uma construção social introjetada na cultura.

Traços culturais movem-se por entre grupos, os saberes circulam entre as classes sociais fazendo com que haja reelaborações contínuas do passado, permitindo ao tecido social a aquisição de novos sentidos. Portanto os valores culturais que significam o patrimônio configuram e reconfiguram o espaço pelo viés da memória.

Se o patrimônio é uma fonte de testemunhos, documentos, vivências e permite ao sujeito experienciar o território, pode se afirmar ser o patrimônio uma possibilidade de representar o movimento para a rememoração coletiva o que vai além ao fundamentalmente estético e mercantil para uma rememoração no âmbito do particular, haja vista o patrimônio retratar símbolos coletivos.

Nessa perspectiva, o patrimônio cultural se constitui como representação simbólica das identidades de grupos humanos (Cruces, 1998). Há que se ressaltar que o processo de construção da identidade se relaciona diretamente com a memória. A memória mantem uma íntima relação com o passado, portanto dialoga com a história e esse diálogo nos permite compreender como o homem cria hábitos, como se instituem os costumes, como se transmite as tradições, como se significa os espaços, enfim como se instituem seus patrimônios.

O patrimônio se configura como os rastros deixados pelo passado, nele se inscrevem as lembranças de uma presença que por ora não existe mais. Assim a memória utiliza se dos rastros para dar significados ao patrimônio, esses significados se instituem nessa tensão entre a presença e a ausência, o patrimônio é a presença do passado que no presente se lembra do passado desparecido, mas é também presença de um passado que irrompe em um presente. A grandeza das lembranças é a expressão de conteúdos em que se permite analogias das semelhanças e, porque não, das diferenças entre passado e presente. Assim o que encontramos no patrimônio não é o passado em si, mas a presença

do passado no presente. Um passado que retorna, que de alguma forma não passou, reatualizando e recriando o presente.

Pode se perceber ser o patrimônio cultural uma espécie de esforço da sociedade em buscar no passado possíveis entendimentos do presente. Esse processo de reconhecimento confere valor no âmbito das relações sociais e simbólicas. Pode se observar que há um esforço contínuo da sociedade em instituir patrimônios como expressão de suas identidades.

Patrimônio é tudo aquilo que possui valor simbólico para uma comunidade, manifesto em suas práticas sociais. O patrimônio de um grupo social não se distancia da sua história e da sua cultura,

Nessa perspectiva o patrimônio cultural, seja ele material ou imaterial é sempre a expressão de valores coletivos representados em suas manifestações, sejam elas de pedra e cal, sejam elas em forma de saberes e fazeres... Portanto falar de patrimônio cultural não é empreendimento fácil, haja vista ser o ele fruto de relações sociais definidas no tempo e historicamente situadas em um campo de significados constituídos espacialmente e temporalmente.

Assim a relação entre patrimônio, território, performance e memória torna-se mais que uma percepção coletiva e individual, pela consciência ou pela própria ideologia, ela representa uma conjunção na qual as práticas sociais é o que conduz à concretude da relação sujeito-patrimônio, pois a memória é uma construção humana, datada, que enraíza-se nas experiências vividas pelo sujeito.

A performance pode mudar significativamente o sentido do patrimônio, mesmo quando ela conserva o sentido da tradição, afinal não se pode esquecer que a memória se conecta a espaços que estão sujeitos a mudanças de sentido. A performance acrescenta uma camada histórica ao palimpsesto patrimonial na medida em que ela permite a constante renovação dos sentidos e significados da cultura, subverte as estratégias de como se pensar sobre o comportamentos e práticas, a performance enfim, redimensiona a perspectiva de standatização do patrimônio cultural cristalizado. Nessa perspectiva o patrimônio cultural mostram as tensões dos processos de territorialização por meio de práticas ritualizadas nas representações sociais dada por atos performáticos.

Assim a performance nos permite uma história alternativa que tem como base a memória, o evento, o espaço, que possibilitam entender como as comunidades se

identificam e se expressam reafirmando suas identidades culturais prenhes de sentidos. O patrimônio cultural, através da performance é criado e recriado em função de suas ambiências

Procurar estabelecer uma prática de pesquisa interpretativa em busca de significados é pressupor que o processo de territorialização se configura historicamente como um processo de reconfiguração contínua, ou seja, as experiências são experiências da vida dos indivíduos, da realidade social, experiências que estão situadas no tempo histórico em que viveram ou vivem a partir da valorização do cotidiano, do individual, enfim da performance.

Discutir Patrimônio Cultural pode significar possibilidades de leitura do território através de práticas que privilegiem a reorganização do espaço, em que o patrimônio cultural se coloque como uma categoria discursiva de expressão do conhecimento e de práticas culturais que estabelecem um novo modo de o indivíduo se relacionar com o espaço. O território se constrói a partir de processos sociais, históricos, portanto pode ser lido como elemento do patrimônio que permite a existência de territorialidades múltiplas, e dinamiza a categoria patrimônio cultural indo para além de um patrimônio único, mas para patrimônios diversos.

Nessa perspectiva, o enfrentamento da problemática dessa relação deve ser concretizado pelo reconhecimento da natureza dinâmica e processual na interação entre patrimônio e território, pois que sua própria complexidade e a complexidade dos seus processos que comportam incertezas nos processos de territorialização.

A referida totalidade do espaço possui um significado múltiplo, o que nos remete à compreensão da complexidade dos processos de territorialização. Isso nos leva a refletir sobre as questões que envolvem a territorialização a partir do patrimônio cultural, na medida em que é necessário enfatizar a dinâmica das práticas sociais em conjunção com a memória e a performance.

É preciso refletir a diversidade que se coloca no processo de territorialização, haja vista as práticas sociais implicarem em processo de interpretação da cultura como produção material e simbólica, que no caso da relação entre patrimônio cultural e espaço, se referem a identidade, à ação, à performance e a memória dos diferentes sujeitos formadores da sociedade.

Nesta ordem de pensamento pode se afirmar ser o processo de territorialização relacional, haja vista ele envolver tanto aspectos sociais, como materiais. O sentido relacional do território para Rogério Haesbaert se dá porque ele não "significa simplesmente enraizamento, limite/fronteira. Justamente por ser relacional, o território inclui também o movimento, a conexão, a fluidez" (HAESBAERT, 2006: 55) e nesse movimento que ele se liga à performance enquanto produtora de sentido. Dessa maneira, [...] todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar "funções" quanto para produzir "significados". (HAESBAERT, 2004).

O território é um espaço carregado de referências simbólicas em que os símbolos criados constroem o sentido de pertencimento, propicia a criação de identidades dos indivíduos e favorecem a integração social dos sujeitos ao o território. Estes símbolos são responsáveis por criarem uma ordem social com o intuito de estabelecer um processo de integração moral entre os indivíduos que atuam sobre o espaço de maneira a transformar e imprimir suas perspectivas no território. Há uma profusão de formas simbólica criadas pelos sujeitos em que se estabelecem formas de ocupação no território. Dessa maneira, são atribuídos uma série de elementos simbólicos que "marcam" a identificação do sujeito com o território.

Se considerarmos que o patrimônio cultural carrega consigo vestígios das relações vividas e imaginadas em um espaço dado ele traz consigo uma ideia de lugar, de modo de vida, enfim ele se orienta em relação à dinâmica cultural posta no sistema de representações, o que transforma o território em memória, em performance, em lugar de identidade, em referência histórica, por fim em um lugar socialmente construído. Patrimônio e território estabelecem um diálogo na medida em que nos auxilia a compreender via performance as práticas sociais que persistem no patrimônio cultural, nos permitindo entender o tempo presente prenhe de memória e por isso capaz de agir sobre o mundo social no processo de atribuição de sentidos ao espaço.

Na medida em que o espaço se coloca como fator histórico ele adquire uma dupla significação pois se torna ao mesmo tempo produto e produtor de relações sociais. O ato de produzir, é igualmente o ato de produzir espaço, ou seja o espaço passa a ser compreendido como um conjunto de formas, formas estas que testemunham uma história escrita tanto no presente, quanto no passado. Tais formas podem ser compreendidas como o patrimônio cultural expressos tanto na sua materialidade como na sua significação, que

no decorrer da história são imbuídos de valores e conteúdo que se ressignificam no conjunto das representações assentadas no imaginário social.

O patrimônio como o direito à memória e à história significa no espaço territorial a conquista da cidadania, em que a territorialização desse espaço se constitui como mais um elemento da subjetividade, ou seja, a sociedade não só produz, historicamente, formas espaciais, condições de sobrevivência, mas também reproduz, no seu imaginário, via performance, as representações simbólicas sobre o espaço. Sendo assim, memória, patrimônio, território e performance são conceitos que dialogam com o movimento, com o sentido de exercício de práticas culturais que se fazem presentes nas disputas e lutas políticas que constroem a história do sujeito.

As conquistas sociais, portanto são objetos de disputas simbólicas nas quais os atores sociais constroem, por meio de uma história mais ampla em que se é possível ressaltar as minorias e cuja a diversidade criadora material e imaterial legitima, um patrimônio cultural que legitima uma identidade local que dialoga com os valores universais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Antônio A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. (Orgs.). **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000.

ARÉVOLO, Javier Marcos. La Tradición, el patrimonio y la identidade. In: http://www.dipbadajoz.es/publicaciones/reex/rcex_3_2004/etudios_02_rcex_3_2004.pdf Acesso em 14 de setembro de 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp/Zouk, 2007.

CHAGAS DE SOUSA, Mário. Museus, Literatura, Memória e coleção. In: LEMOS, Maria Teresa Torébio Brittes; MORAES, Nilon Alves. (Orgs.). **Memória e Construção de Identidades**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2001.

CRUCES, F. Problemas en torno a la restitución del patrimonio. Una visión desde la antropologia. **Política y Sociedad**. Nº 27, 1998.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzuchi. Patrimônio: Discutindo alguns conceitos. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 3, p. 79-88, 2006.

FONSECA, Maria Cecília Londres. A construção do patrimônio: perspectiva histórica. In: _____. **O Patrimônio em processo**. 3.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. p. 51-78.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade**: a rede "gaúcha" no Nordeste. Niterói: EdUFF, 1997.

_____. **O Mito da Desterritorialização**: do "Fim dos Territórios" à Multiterritorialidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HALBWACHS. Maurice. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.

HOBSBAWN, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Vértice, 1990.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cultura é patrimônio**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

PADRÓS, Enrique S. **A história e a memória confiscada**: o tempo presente e as ditaduras de segurança nacional. Clínicas do Testemunho: reparação psíquica e construção de memórias. Porto Alegre: Criação Humana, 2014.

PESAVENTO, Sandra. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SANTOS, Mariza Veloso Motta. Nasce a Academia SPHAN. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n.24, p.77-95, 1996. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=\\Acervo01\drive_n\Trbs\RevIPHAN\RevIPHAN.docpro>. Acesso em 10 fev. 2012.

SANTOS, Milton. O dinheiro e território. In: **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 2.ed. Rio de Janeiro:DP&A, 2006.